

Introdução

OS LUGARES DA LITERATURA: MAPAS E ROTAS LITERÁRIAS

SÍLVIA QUINTEIRO¹

Recebido em 31.07.2019

Aprovado em 30.09.2019

“Porque o poema do mundo convida a incessantes interpretações”

Michel Onfray

Aproximar literatura e turismo passa sobretudo pelo espaço. Ou melhor, pelos espaços: pelos espaços da literatura e pelos espaços da geografia física. Antes de mais porque a viagem é uma prática espacial, e porque as primeiras descrições na origem da própria geografia e do mapeamento do mundo se fizeram a partir de histórias contadas por viajantes (Crang, 2005). Todavia, quando alargamos a noção de viagem à viagem empreendida pelos turistas movidos pela literatura, há que considerar três formas de gerar os mapas literários (os mapas sobre os quais se localizam e sinalizam no espaço físico os pontos exatos em que se dá a interseção entre a referência literária e a realidade). Antes de mais, temos os mapas que resultam da literatura de viagens. Mapas que registam percursos percorridos por personagens e narradores e que nos permitem refazê-los: podemos seguir os passos de Hans Christian Andersen em *Uma visita a Portugal* (1866) ou de José Saramago em *Viagem a Portugal* (1981), por exemplo. Mas os mapas literários podem também ter origem na chamada “literatura de turismo”, um conjunto de textos que não se esgota na literatura de viagens, correspondendo, segundo Hendrix (2014) num texto em que define pela primeira vez este conceito, a qualquer texto literário que apresente referências explícitas a práticas turísticas e que contenha representações do espaço que

¹ Universidade do Algarve, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo. Centro de Estudos Comparatistas da Universidade do Algarve, smoreno@ualg.pt

viabilizam a sua valorização enquanto atração turística ou que promovam a reflexão sobre o turismo e as atividades que lhe são inerentes. Assim, há que considerar também os mapas traçados a partir desta perspectiva, ou seja, os mapas que assinalam qualquer ponto geográfico referido num texto literário. E, por último, existe ainda uma terceira forma de gerar mapas literários, que consiste em assinalar os lugares dos autores. Ou seja, desenhar mapas a partir daqueles elementos que estiveram na origem do turismo literário: a casa onde nasceu o escritor, onde viveu ou faleceu, o local da sua sepultura.

O conjunto destes mapas literários (normalmente concebidos para serem percorridos por leitores/admiradores) (i) que cristalizam viagens descritas em textos literários, (ii) que assinalam os lugares dos textos, e (iii) que assinalam os lugares dos autores, formam a chamada cartografia literária. Geraram, portanto, uma área de estudos interdisciplinar, na qual confluem a geografia (física e humana) e a literatura (Alexander, 2015; Tally Jr., 2013) e que, como veremos adiante, tem um enorme potencial enquanto recurso para o desenvolvimento de produtos de turismo cultural de base literária. O processo de mapeamento literário pode ocorrer independentemente de as designações dos lugares da ficção coincidirem com as reais ou não e até mesmo de a referência física ser um construto derivado de um arrastar do literário para espaço físico (Rojek, [1997] 2000, pp. 52-74), como sucede frequentemente com as estátuas de autores e personagens. Estes recortes de espaço, aos quais a literatura aporta um novo significado, são designados lugares literários (Herbert, 2001) e constituem a unidade mínima a partir da qual se desenvolve a maioria dos produtos e experiências de turismo literário.

Proceder à leitura de um texto literário, investigar sobre a vida de um escritor, identificar os lugares literários para os quais remete (reais ou ficcionais), seleccioná-los, assinalá-los e legendá-los, é mapear simultaneamente a literatura e o território, deixando em aberto um conjunto de possibilidades de organização desses pontos / lugares literários que viabilizam, entre outros, o desenvolvimento de rotas literárias. Um mapa é sempre um símbolo, uma representação de uma porção de território que se faz em função do que se pretende evidenciar – uma nação, um continente, uma cadeia montanhosa, uma cidade, um bairro, uma rua, uma casa – , pelo que implica um processo de seleção do que mostrar e do que

suprimir. Um mapa da Dublin de James Joyce ignora todos os restantes escritores da cidade, do mesmo modo que um mapa da Lisboa de Eça de Queiroz evidencia unicamente este autor, isto porque mapa, à semelhança de um texto literário, é um construto através do qual o seu autor conta uma história. De resto, como bem nota Turchi “Pedir um mapa é dizer ‘conta-me uma história’” (2004, p. 11, tradução nossa).

Aos mapas estão subjacentes identidades (Kent & Vujakovic, 2018, p. 413). E se, por exemplo, no caso dos países, a sua delimitação procura circunscrever uma identidade nacional, no caso dos mapas literários, diríamos que, resultando estes de um processo de seleção de lugares que, por sua vez, é consequência de uma escolha subjetiva dos autores e obras que lhes estão associados, revelam a identidade literária de um território ou, pelo menos, a identidade literária que o autor do mapa confere a esse território ao desenhá-lo. Como afirma Onfray: “Um mapa enuncia a ideia que temos do mundo, não a sua realidade.” ([2007] (2019), p. 30). Logo, sobre um mesmo espaço físico, é possível desenhar múltiplos mapas literários distintos entre si. Reitinger (2007, p. 418), procurando estabelecer a ligação entre cartografia e literatura, afirma que a literatura não consiste na mera produção de textos, da mesma forma que a cartografia não é apenas a produção de documentos impressos, concluindo que ambas lidam com concepções da realidade. Com efeito, escrever textos literários e desenhar mapas constituem duas formas de construir narrativas do espaço. Desenhar o mapa da Lisboa d’*Os Maias* (1888) de Eça de Queiroz coloca sobre a cidade uma camada de sentido muito distinta daquela que encontramos quando vemos a mesma cidade olhando para um mapa concebido a partir de *El invierno en Lisboa* (1987) de Antonio Muñoz Molina, por exemplo. São mapas diferentes, resultantes de leituras distintas do território, e que exibem universos que, sendo distantes, se sobrepõem numa mesma fração de espaço físico. Assim entendida, a cartografia, nomeadamente a cartografia literária, apresenta-se como um instrumento com potencial para reforçar ou construir identidades (Kent & Vujakovic, 2018, p. 413), para ressignificar paisagens e multiplicar leituras. Note-se ainda que o simples ato de mapear uma determinada informação tem como efeito, como bem nota Hegglund, imbuí-la de uma aura de facto ou realidade (2003, p. 167). Esta aura, por sua vez, gera uma sensação de tangibilidade do literário que é apelativa ao leitor que busca a proximidade com o autor ou obra que admira,

fomentando a prática do turismo cultural de base literária. Este nicho, também designado turismo literário, consiste numa forma de turismo de interesse especial subsidiária do turismo cultural, que se distingue pela motivação literária da deslocação do turista/visitante (Busby & Klug, 2001; Butler, 2000; Herbert, 2001; Hoppen, 2011; Magadán Díaz & Rivas García, 2011; Quinteiro & Baleiro, 2019; Quinteiro et al. 2020; Richards, 1996; Robinson & Andersen, 2002; Squire, 1996; Watson, 2009).

O *Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental* do projeto LISTESCAPE.PT, o mapa literário a que se refere o primeiro artigo deste volume, é um mapa digital que reúne contributos de investigadores e académicos que vão introduzindo os dados em função das suas leituras. Assinalam-se textos, autores, mas também outros descritores, como o património natural, o património cultural ou mesmo as atividades humanas, que sugerem múltiplas viagens conduzidas pela literatura. A rede de investigadores que colabora neste projeto gera um manancial de informação relativa à ligação paisagem literária/espaço físico que ressignifica toda a paisagem de Portugal continental, gerando um atlas que vai além dos que revelam “sem dúvida, o essencial, mas não tudo”, ao qual já não “Falta à sua opção conceptual uma polpa adicionada pela literatura e pela poesia.” (Onfray, [2007] (2019), p. 31).

O mapa literário é a ferramenta fundamental para o desenvolvimento da prática do turismo literário. Todavia, transformar o conteúdo de um mapa literário num produto turístico implica estruturá-lo enquanto tal e não basta definir percursos e estruturar uma narrativa em seu torno. É necessário dar resposta às necessidades daqueles que se movem nos espaços abrangidos, garantindo a existência de vias de acesso, transportes, sinalética e equipamentos turísticos. Só assim estes “elementos estruturantes dos percursos oferecidos num destino turístico” (Figueira, 2013, p. 25) se transformam em produtos consumíveis pelos turistas. Os produtos turístico-literários mais comuns são os itinerários, também designados passeios, circuitos, roteiros, caminhadas ou percursos. São estes que alinham de forma coerente um conjunto de lugares literários a que associam uma narrativa que estabelece a ligação entre os diferentes pontos geográficos e entre estes pontos e os textos

e autores. Apesar de os itinerários existirem frequentemente de forma independente (em Lisboa, por exemplo, existem alguns itinerários pessoais sem que exista qualquer ligação entre si), estes podem surgir integrados em rotas literárias. Estas rotas agrupam vários itinerários sob um mesmo tema: um autor, uma obra, uma cidade ou uma região, por exemplo.

Para este volume, selecionámos quatro apresentações de rotas que entendemos clarificar de que forma é possível estruturar o território em função da herança literária que lhe é associável. Na verdade, retomando as palavras de Turchi (2004, p. 11), diríamos que se pedir um mapa é pedir que nos contem uma história, desenhar itinerários e rotas é escrever os capítulos dessa história. Assim, o artigo intitulado “Caminhando e conversando: itinerários literários e turismo literário em KwaZulu-Natal, África do Sul”, da autoria de Lindy Stiebel, descreve o projeto KZN Literary Tourism, um projeto com o triplo propósito de criar um arquivo literário dos escritores locais, de registar em vídeo entrevistas aos escritores selecionados e de criar itinerários literários para habitantes locais e visitantes, produzindo um mapa literário da região. E, ao apresentar este projeto, Lindy Stiebel elucidá-nos adicionalmente sobre a literatura regional de KwaZulu-Natal, sobre os seus escritores, os seus textos, os lugares, e o modo como esta investigadora e professora tem trabalhado com a sua equipa no sentido de os transformar num produto de turismo literário sempre focado nas questões da sustentabilidade e do melhoramento das condições de vida da comunidade local.

O artigo seguinte, “Al-Mutamid: de Rei-Poeta, a Rota Turística e Cultural”, da autoria de Alexandra Rodrigues Gonçalves, traz-nos a “Rota de Al-Mutamid”. Uma rota que resultou da colaboração entre a Direção Regional da Cultura do Algarve e a Fundação Pública Andaluza- El Legado Andaluzi. Mais uma vez, uma rota, neste caso transfronteiriça, conta-nos um capítulo da história. A homenagem àquele que ficou conhecido como o rei-poeta, Al-Mutamid, mostra a diversidade de um legado de origem árabe comum a Portugal e Espanha. Al-Mutamid, um rei nascido em Beja, que foi governador de Silves e rei da Taifa de Sevilha, cidades do al-Andalus, era um homem culto e conhecedor de música e poesia. A rota que o relembra é um percurso que vai de Lisboa a Granada, passando por Huelva e Sevilha, abrangendo paisagens muito diversificadas e um vasto património monumental e

natural e demonstrando que as rotas culturais podem desempenhar um papel importante na proteção do património natural e cultural.

A terceira rota é apresentada no artigo “Ciclo da presença no Alto Alentejo: a construção de um projeto ou um projeto em permanente construção?”, de Maria Mota Almeida, João Filipe Bugalho e Fernando Completo. Os autores descrevem-nos o processo que tem vindo a ser levado a cabo no sentido de desenvolver uma rota que homenageie a passagem pelo Alto Alentejo – e nomeadamente pelo distrito de Portalegre – de três dos mais significativos presencistas: José Régio, Francisco Bugalho e Branquinho da Fonseca. Neste texto, ficamos a conhecer o processo que esteve na origem da criação da Associação Ciclo da presença no Alto Alentejo (CpAA), o contexto global, os objetivos, a metodologia utilizada e as áreas de intervenção delineadas, bem como as publicações e as ações já realizadas, e as suas perspetivas de desenvolvimento.

Por último, em “A Rota Literária do Algarve: Uma rota improvável”, de Sílvia Quinteiro e Rita Baleiro, são apresentados o processo e a motivação na génese de uma rota literária delineada para uma região que, à partida, não seria aquela que quer locais quer visitantes identificariam como tendo potencial para o desenvolvimento de uma rota literária. Sendo o Algarve um bem consolidado destino de sol e praia, a dimensão cultural da região é ainda pouco conhecida, apesar de alguns esforços nesse sentido. No que se refere à literatura, esse desconhecimento aumenta, ignorando-se frequentemente a existência de um vasto conjunto de escritores algarvios, mas também de outras zonas do país, e estrangeiros, que referem diretamente o Algarve nas suas obras ou que lhes são de alguma forma associáveis. Com a criação da Rota Literária do Algarve pretende-se justamente valorizar este património literário, torná-lo visível e acessível a turistas e comunidade local, desenvolvendo um conjunto de dezasseis itinerários literários com fins turísticos, culturais e educativos.

Os projetos apresentados neste volume têm em comum o facto de constituírem um testemunho da estreita relação existente entre literatura e turismo. Uma relação com base

quer nos elementos objetivos quer nos elementos simbólicos da paisagem (Crang, 1998). Ou seja, uma conexão que se estabelece com base na identificação e transformação em produto turístico de elementos tangíveis da paisagem comuns ao texto literário ou à biografia do autor e ao espaço físico. Todos eles assumem o lugar como “uma forma de ver, conhecer e compreender o mundo” (Cresswell, 2015, p. 18, tradução nossa), tendo por base o reconhecimento da capacidade da literatura para proporcionar diferentes leituras do mundo, ou seja, para ressignificar o território, multiplicando e sobrepondo paisagens.

Nas últimas três décadas, a relação entre literatura e turismo tem vindo a ser cada vez mais objeto do interesse de investigadores que estudam a presença da literatura no turismo e a do turismo na literatura e que têm contribuído para o desenvolvimento de mapas e rotas literários. O desenvolvimento destes produtos vem, por sua vez, dar resposta à procura de um turista cultural que demanda cada vez mais experiências únicas, duradouras, autênticas e que reconhece como sustentáveis. O turismo literário tem potencial para ser uma das respostas a esta demanda. De resto, no que se refere à sustentabilidade, saliente-se que as atividades de turismo literário podem desenvolver-se em todo o território e ao longo de todo o ano com benefícios diretos para a comunidade local. Ou seja, o turismo literário pode deslocar turistas por territórios novos, tradicionalmente não-turísticos, gerando emprego nesses territórios e contribuindo desta forma para o desenvolvimento económico das populações locais. Importa, pois, que se identifiquem autores, obras e lugares, que se desenvolvam conteúdos e que sejam postos à disposição dos turistas que deles desejem usufruir.

Quanto à investigação na área do turismo literário, esta tem-se intensificado particularmente na última década, acompanhando o crescimento deste nicho dentro da indústria. Sendo uma área interdisciplinar, o turismo literário tem vindo a atrair investigadores de áreas tão distintas como a literatura, o turismo, a geografia, o marketing, a economia e os estudos culturais. Mais recentemente, os trabalhos com enfoque nas humanidades digitais e no uso de mapas literários e de alguns produtos de turismo literário para fins educativos parecem

ser uma tendência, pelo que se perspectiva que estas venham a ser duas áreas a considerar nos próximos anos quer ao nível da investigação quer da aplicação prática.

Referências bibliográficas

- Alexander, N. (2015). On Literary Geography. *Literary Geographies*, 1(1), 3-6.
- Busby, G. & Klug, J. (2001). "Movie-induced tourism: The challenge of measurement and other issues", *Journal of Vacation Marketing*, 7(4), 316–332.
- Butler, R. (2000). Literary tourism. In Jafar Jafari (Ed.), *Encyclopedia of Tourism* (p. 360). Londres: Routledge.
- Crang, M. (1998). *Cultural Geography*. London: Routledge
- Crang, M. (2005). Travel/Tourism. In David Atkinson, Peter Jackson, David Sibley and Neil Washbourne (Eds.), *Cultural Geography. A Critical Dictionary of Key Concepts*. Londres e Nova Iorque: I.B. Tauris, 34-40.
- Cresswell, T. (2015). *Place: An Introduction*. Malden: Blackwell Publishing.
- Figueira, L. M. (2013). *Manual para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar. Acedido em 18 de janeiro de 2020 em: http://www.cespoga.ipt.pt/new/wpcontent/uploads/2013/03/Manual_Roteiros_CESPO_GA2013.pdf
- Hegglund, J. (2003). "'Ulysses' and the Rhetoric of Cartography". *Twentieth Century Literature*, 49 (2), 164–192.
- Herbert, D. (2001). Literary places, tourism and the heritage experience. *Annals of Tourism Research*, 28(2), 312-333. doi: 10.1016/S0160-7383(00)00048-7.
- Hoppen, A. (2011). *A Study of Visitors' Motivations at Daphne du Maurier Festival of Arts and Literature* (dissertação de mestrado não publicada). Bournemouth University: Bournemouth.

- Kent, A. & Vujakovic, P. (2018). Maps and identity. In Alexander J. Kent and Peter Vujakovic (Eds.), *The Routledge Handbook of Mapping and Cartography*. London: Routledge, 413-426.
- Magadán Díaz, M. & Rivas García, J. (2011). *Turismo Literário*. Oviedo, Septem Ediciones.
- Onfray, M. [2007] (2019). *Teoria da Viagem: Uma Poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal.
- Quinteiro, S. & Baleiro, R. (2019). *Estudos em Literatura e Turismo: Conceitos Fundamentais*, 2ª edição. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (ISBN: 978-989-96677-7-8). https://www.academia.edu/39847359/Estudos_em_literatura_e_turismo_Conceitos_fundamentais_2aed
- Quinteiro, S., Gonçalves, A. & Carreira, V. (maio 2020). Caracterização e análise do potencial de desenvolvimento do turismo cultural literário em Coimbra. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais (RPER)*.
- Reitinger, F. (2007) "Literary Mapping in German-Speaking Europe" in Woodward, D. (Ed.) *The History of Cartography (Volume 3)* Chicago, IL: University of Chicago Press, 438–449.
- Richards, G. (Ed.) (1996). *Cultural Tourism in Europe*. Wallingford: CABI Publishing.
- Robinson, M. (2002). Between and beyond the pages: Literature-tourism relationships. In M. Robinson & H.-C. Andersen (Eds.), *Literature and Tourism: Reading and Writing Tourism Texts* (pp. 39-79). Londres: Continuum.
- Rojek, Chris [1997] (2000). Indexing, dragging and the social construction of tourist sights. In C. Rojek & J. Urry (Eds.), *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory* (pp. 52-74). Nova Iorque e Londres: Routledge.
- Squire, S.J. (1996). "Literary tourism and sustainable tourism: Promoting 'Anne of Green Gables' in Prince Edward Island", *Journal of Sustainable Tourism*, 4(3), 119–134.
- Tally Jr., R. (2013). *Spatiality*. Nova Iorque: Routledge.
- Turchi, P. (2004) *Maps of the Imagination: The Writer as Cartographer*. San Antonio, TX: Trinity University Press.

Watson, N.J. (2009). Introduction. In Nicola J. Watson (Ed.), *Literary Tourism and Nineteenth-century Culture* (pp. 1-12). Basingstoke: Palgrave Macmillan.